

RELATO DE EXPERIÊNCIA: DE UM OLHAR TORNADO URGENTE

Emanuel de Almeida¹

Pensando na minha experiência com a elaboração da exposição *Arte, pesquisa, ação e pensamento anticolonial*, percebo que essa, dentre outras, foi provavelmente a mais enriquecedora que o espaço acadêmico me proporcionou até então. Não atribuo, no entanto, o mérito completo ao espaço ou ao curso de História da Arte em si; que embora possibilitem diversas convergências, ainda são numerosamente compostos por disciplinas engessadas em suas ementas. Nesse sentido, Filosofia da Arte II, ministrada pela professora Mariah Rafaela Silva, foi uma disciplina de fôlego. Através das iniciativas de Mariah, chegamos a proposta avaliativa de organizar uma exposição com obras dos alunos dessa e de outras turmas da professora, pensando posteriormente na abertura de um edital que recebesse trabalhos de outros artistas interessados, exteriores a essas disciplinas, e nesse projeto acabei tomando parte na composição da equipe de curadoria.

Sobre as temáticas da exposição, buscamos tratar da institucionalidade que passa pelo *pensar*, pelo *fazer* e pelo *dispor* artístico, de políticas de hierarquização e de subalternização racial, sexual, de gênero e de classe. Nossos objetivos cresceram exponencialmente e se revelaram a nós na medida em que fomos recebendo as propostas de trabalhos para a exposição, e percebemos que eram muitos os que potencializavam as discussões disparadoras, assim como abriam rotas para novas abordagens e possibilitavam a elaboração de agenciamentos. Ao examinar a institucionalidade dos mundos artísticos, por quem e para quem esse *modus operandi* foi pensado e, de forma entimemática, a quem visa eliminar, foi fundamental a percepção de que as práticas *anticoloniais* são vitais para que sejam *fissuradas* essas estruturas, o que acreditamos que as pinturas, as esculturas, as performances e os demais dispositivos estéticos componentes da exposição, nesse contexto, tiveram sucesso em operar.

No que diz respeito a minha experiência individual, além dos entendimentos acerca das práticas anticoloniais, que passam então a fazer parte da forma como eu tento assimilar e decodificar não só as manifestações artísticas, mas também o mundo ao meu redor, tenho como outro momento muito importante o de uma epifania. Eram muitas as dificuldades do espaço que nos “concederam” para a realização da exposição (um dos centros culturais da UFRJ), e tais dificuldades foram crescentes durante todo o processo, afetando diretamente a realização da exposição como a tínhamos em mente. Em meio a essa situação, fez-se necessária a elaboração de intervenções e soluções criativas que contornassem tais dificuldades e dessem sobrevida à exposição. Assim, percebi a organização do espaço por si só como forma de *fissurar*, como a disposição das obras poderia ser tão potente quanto suas próprias enunciações. No texto *Para remediar o tempo*, que escrevi como texto de abertura da exposição, sob orientação da professora Mariah, tento tratar de corpos urgentes que ultrapassam as telas, de telas urgentes que ultrapassam as paredes, de esculturas urgentes que ultrapassam os pedestais e de palavras urgentes que ultrapassam as línguas. Percebi, então, que agora meus olhos são também urgentes.

¹Emanuel de Almeida é graduando em História da Arte na UFRJ; email: emanuelvictor14@icloud.com